



XV Encontro sobre Investigação na Escola

“15 anos de Investigação na Escola: Realidades, Contradições e Desafios”
6 e 7 de julho de 2018 | UFRGS - Porto Alegre-RS

EXPERIÊNCIAS COM A PESQUISA NA GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA: APRENDIZAGENS E DESAFIOS

Isadora Alves Roncarelli
(isadoraroncarelli@hotmail.com)

INTRODUÇÃO

No período em que cursei a graduação em Pedagogia, na Universidade de Caxias do Sul (UCS), pude conhecer a pesquisa como princípio educativo e me aventurar pela iniciação científica. As experiências que construí neste percurso me incentivaram a seguir meus rumos pela pesquisa através do Mestrado em Educação na mesma instituição.

Minhas vivências neste âmbito (no curso de Pedagogia) iniciaram na disciplina de Pesquisa em Educação, onde pude ter meu primeiro contato com a pesquisa enquanto ciência. Posteriormente, na disciplina de Análise Crítica da Prática Docente, conheci a pesquisa como princípio educativo e suas possibilidades como metodologia de ensino. Imersa por estes saberes, ingressei na Iniciação Científica como forma de aprofundar minhas experiências neste campo.

Por fim, no estágio com anos iniciais do Ensino Fundamental, vivenciei a pesquisa como princípio educativo com uma turma de terceiro ano. Enquanto docente em formação, utilizar a pesquisa em sala de aula foi um grande desafio, porém que proporcionou diversas aprendizagens e a reflexão da minha própria práxis.

Alguns estudos cruzaram meu percurso durante estes primeiros contatos com a pesquisa, especialmente os que fomentaram minha prática de estágio, a saber: MORAES; GALIAZZI; RAMOS (2002), BECKER; MARQUES (2010), STECANELA (2008 e 2015) e STENACELA; WILLIAMSON (2013). Desse modo, o objetivo deste artigo é relatar as vivências teóricas e práticas com a pesquisa a fim de (re)pensar a prática docente e as possibilidades que elas ainda podem fomentar.

O PERCURSO VIVIDO

A disciplina de Pesquisa em Educação, no curso de Pedagogia da UCS, foi meu primeiro contato com a pesquisa. A proposta da mesma foi a construção de um Projeto de Pesquisa em todas suas etapas (construção do problema, elaboração de hipóteses, consulta na biblioteca, plano de ação, construção de argumentos, sistematização de resultados) e posteriormente a comunicação dos resultados por meio de um artigo. Este primeiro contato com a pesquisa, apesar de ter sido uma porta de entrada para a investigação, mostrou-me uma pesquisa estática, feita para preencher itens e não para resolver problemas com relevância científica. De qualquer modo, a inquietação sobre investigar o cotidiano escolar já começava a me instigar enquanto licencianda.



XV Encontro sobre Investigação na Escola

“15 anos de Investigação na Escola: Realidades, Contradições e Desafios”
6 e 7 de julho de 2018 | UFRGS - Porto Alegre-RS

Em um segundo momento, na disciplina de Análise Crítica da Prática Docente, pude vivenciar uma pesquisa em movimento, como investigação e também como princípio educativo. Além de ter a possibilidade de pesquisar sobre a (des)motivação docente, compreendi como a pesquisa pode ser utilizada em sala de aula como metodologia de ensino.

Com a turma dividida em grupos, a docente da disciplina nos desafiou a buscar por inquietações que nos motivassem a construção de um problema. Todo o desenvolvimento do projeto foi acompanhado pela professora, no sentido de orientação e direcionamento de nossas dúvidas e incentivo em cada etapa do projeto. Diante dessa disciplina pude compreender que a partir de um problema seria possível desenvolver diversas habilidades e cultivar uma atitude investigativa. Com esta experiência, questionava-me constantemente: mas como utilizar esta metodologia na educação básica? É possível instigar a dúvida em crianças e adolescentes de diversos níveis escolares?

Ainda, nessa mesma disciplina tive a oportunidade de conhecer o Seminário Escola e Pesquisa: um encontro possível, vinculado ao Projeto Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião (NEPSO)¹, no qual apresentei em forma de comunicação a pesquisa desenvolvida na referida disciplina. Neste seminário percebi de forma concreta como a pesquisa como princípio educativo pode ser desenvolvida no Ensino Fundamental. Diversas crianças e jovens da região participaram do evento compartilhando os resultados de suas pesquisas desenvolvidas em projetos interdisciplinares nas escolas. Assistindo às comunicações destas crianças e jovens, meus questionamentos anteriores pareciam estar resolvidos, porém novos surgiram: Por que a pesquisa não é frequentemente evidenciada nas práticas docentes? Por que ela é pouco utilizada como metodologia inclusive nos estágios docentes?

Estas inquietações me levaram participar como bolsista na iniciação científica. Assim, por durante dois semestres estive imersa na pesquisa/investigação, podendo participar de grupos de estudos, de eventos com pesquisadores, bem como compreender melhor a relação da pesquisa com o ensino.

De forma concomitante, resolvi me desafiar enquanto docente em formação e me propus a utilizar a metodologia de pesquisa em sala de aula no estágio com anos iniciais do Ensino Fundamental. Realizei o estágio com uma turma de terceiro ano de uma escola estadual de Caxias do Sul. As crianças tinham uma rotina de pouco protagonismo na escola, produziam muito pouco, passavam a maior parte do tempo copiando textos de livros didáticos e realizando exercícios isolados. Propus então, trabalhar com a metodologia de pesquisa em sala de aula, buscando a participação mais efetiva dos educandos em seu processo de aprendizagem.

Quando iniciei meu percurso de estágio com a turma propus a eles que pensássemos em uma temática que gostariam de pesquisar. Algumas opções surgiram e com uma discussão entre as crianças ficou estabelecido que o tema geral de pesquisa seria a música. A pergunta de pesquisa foi: “A música no dia a dia: o que podemos aprender com ela?”. O desafio, então, constituiu-se em desenvolver o restante do projeto de pesquisa (objetivos, hipóteses, sistematizações e leituras, construção de instrumento de coleta de dados, análise e discussão de resultados).

¹ Maiores informações sobre o NEPSO podem ser acessadas pelo endereço eletrônico a seguir.
Disponível em: <<http://www.nepso.net>>. Acesso em: 30 abril. 2018.



XV Encontro sobre Investigação na Escola

“15 anos de Investigação na Escola: Realidades, Contradições e Desafios”
6 e 7 de julho de 2018 | UFRGS - Porto Alegre-RS

Ao longo do projeto as crianças foram conhecendo a pesquisa e compreendendo suas inter-relações com o cotidiano. A experiência de criar um questionário e aplicá-lo aos colegas de outras turmas proporcionou momentos desafiadores e estimulantes às crianças. Ao final do projeto, foi quase uma unanimidade entre a turma de estudantes que esta foi a atividade, até então, durante a escolarização despertou prazer e motivação a eles. Percebi, desta forma, que a escola pouco incentiva a troca entre os educandos, as dúvidas e os interesses dos estudantes nem sempre são consideradas como insumo para a aprendizagem. O momento de socialização do projeto de pesquisa acolheu as famílias dos estudantes que foram protagonistas de suas aprendizagens. Esta interconexão entre família e escola foi essencial ao longo do projeto, a valorização dos familiares em relação aos trabalhos desenvolvidos pelas crianças fomentou nas mesmas o desejo de continuar pesquisando e se envolvendo com projetos dessa natureza.

A TEORIA QUE FUNDAMENTA O FAZER

As teorias dão suporte à pesquisa e à ação docente. É somente na relação entre teoria e prática que o fazer se efetiva. Para a experiência de estágio descrita anteriormente, parti da premissa de que a pesquisa em sala de aula “[...] oportuniza a formulação de perguntas e a ‘postura filosófica’”. Desenvolve o olhar da observação e estimula a aprendizagem do olhar” (STENACELA; WILLIAMSON, 2013, p. 286, grifo dos autores). Para isso, a turma construiu em conjunto o projeto de pesquisa, escolhendo o tema a ser pesquisado, criando hipóteses, montando o questionário, indo a campo, analisando dados, discutindo sua relação com outras aprendizagens, lendo e ouvindo sobre o assunto através de livros ou vídeos e compartilhando suas descobertas e aprendizagens.

Conceber os educandos como protagonistas da construção do conhecimento foi fundamental no percurso de estágio para que a pesquisa pudesse ocorrer. Percebi que a postura de professor investigador precisa estar presente constantemente na sala de aula, instigando as crianças a formularem hipóteses para suas dúvidas e buscarem respostas, sem que elas sejam entregues prontas às crianças. Acredito, dessa forma, que sem dúvida para que a pesquisa ocorra em sala de aula é necessário que o professor seja pesquisador (BECKER, MARQUES, 2010).

Cabe destacar que os saberes prévios dos educandos foram utilizados como potencial de aprendizagem, como destaca Stecanela (2015), respeitando seus desejos sobre “o que pesquisar”. Estes saberes fomentaram a pesquisa desenvolvida e puderam ser repensados pelas crianças ao longo do percurso, pois os estudos que foram desenvolvidos trouxeram diversas mudanças de ponto de vista em relação as hipóteses iniciais.

Além disso, a interdisciplinaridade que o projeto fomentou foi parte importante do processo de desenvolvimento da pesquisa, culminando com os estudos de Stecanela (2008). Sem a relação entre as diferentes áreas do conhecimento não seria possível desenvolver o trabalho proposto.



XV Encontro sobre Investigação na Escola

"15 anos de Investigação na Escola: Realidades, Contradições e Desafios"
6 e 7 de julho de 2018 | UFRGS - Porto Alegre-RS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo busquei relatar as minhas vivências teóricas e práticas com a pesquisa a fim de (re)pensar a prática docente e as possibilidades que elas ainda podem fomentar. Minha trajetória com a pesquisa durante a graduação em Pedagogia foi fundamental para a constituição da minha identidade de professora-pesquisadora. Desde as experiências enquanto aluna até a vivência como estagiária foi possível compreender alguma das possibilidades de uso da pesquisa na sala de aula.

O aprendizado decorrente da disciplina de Análise Crítica da Prática Docente e do Seminário Escola e Pesquisa: um encontro possível, bem como, da Iniciação Científica, foram cruciais para que a pesquisa fizesse parte das minha práxis enquanto educadora. Isso foi possível mediante a experiência de estágio descrita e nas minhas vivências enquanto docente de educação infantil. Este contato com a pesquisa transformou minha atuação profissional e a forma de enxergar a educação, especialmente os processos de ensino e de aprendizagem.

Escrever este relato me proporcionou uma reflexão sobre este percurso e como ele foi significativo na minha formação inicial. Acredito que se a pesquisa fizer parte efetiva dos cursos de licenciatura e na formação docente ela consequentemente estará mais presente nos processos educativos. Fomentar o questionamento, a pergunta, o pensamento crítico e a curiosidade são os primeiros passos para uma educação pela pesquisa e comprovam que ela pode acontecer desde os primeiros anos da educação básica.

REFERÊNCIAS

BECKER, Fernando; MARQUES, Tania Beatriz Iwaszko (Org.). **Ser professor é ser pesquisador**. 2.ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo; RAMOS, Maurivan G. Pesquisa em sala de Aula: fundamentos e pressupostos, In.: MORAES, Roque; LIMA, Valdeez Marina do Rosário. **Pesquisa em sala de aula**: tendências para a educação em novos tempos. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2002.

STECANELA, Nilda. **A METODOLOGIA DE PESQUISA EM SALA DE AULA NA FORMAÇÃO E NA ATUAÇÃO DOCENTE**. Revista Pedagógica, Chapecó, v.17, n.35, p. 163-178, maio/ago. 2015.

_____, Nilda. **Escola e pesquisa**: um encontro possível. In: Anais do IV Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 02 a 04 de setembro de 2008.

_____, Nilda; WILLIAMSON, Guillermo. **A educação básica e a pesquisa em sala de aula**. Acta Scientiarum Educacion, Maringá, v.35, n.2, p. 283-292, July-Dec., 2013.